

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA  
FILHO" - FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS - CAMPUS DE  
MARÍLIA**

**CIÊNCIAS SOCIAIS**

**ISABELA FERREIRA DOS SANTOS**

**ENTRE A ESPADA DE SÃO JORGE E O CAVALO DE  
OGUM:**

Umbanda, sincretismo e preconceito.

**MARÍLIA  
2023**

## **INTRODUÇÃO**

A umbanda surge no período onde o Brasil se adaptava a um novo modelo organizacional, mas que mantinha velhas práticas sociais de marginalização. Durante todo o processo de seu desenvolvimento e estabelecimento enquanto religião, experimentou a manutenção dessas práticas e foi alvo de ataques de diversos agentes. A inserção do proletariado negro nos rituais umbandistas – estes indivíduos eram oriundos do candomblé –, aumentou o tamanho do alvo desenhado sobre a umbanda, resultado da política racial posta no Brasil desde o contato com os nativos, no século XVI. Entretanto, em decorrência da sistemática perseguição que esses atores negros sofriam no candomblé, transportaram consigo não apenas os ritos e práticas dos cultos às nações africanas, mas também o sincretismo com elementos católicos. Esse mecanismo de resistência, permitiu a umbanda assegurar, minimamente, a operacionalidade das “giras”, bem como ampliar a sua gama de fiéis. Posto isso, o presente trabalho está norteado por dois objetivos: entender a relação sincrética presente na umbanda e a questão do preconceito, que tem suas bases na pauta racial. Para tal, utilizarei a História Oral, tendo como fonte a entrevista realizada com os sacerdotes de umbanda: Pai Denisson e Mãe Kelly de Angelis, dirigentes do Instituto CEU Estrela Guia, localizado no bairro da Saúde, em São Paulo.

Contudo, entendo ser necessário, no primeiro momento, abordar a linha cronológica da umbanda, desde seu surgimento até os dias atuais. Esse levantamento nos ajuda a entender as diversas dinâmicas sociais pelas quais essa religião vivenciou e, portanto, facilitar a abordagem das questões postas acima.

## **HISTÓRIA DA UMBANDA**

Zélio Fernandino de Moraes nasceu em São Gonçalo, Rio de Janeiro, em 10 de abril de 1891. Aos 17 anos, inexplicavelmente foi acometido por uma “estranha paralisia”, curada de forma tão misteriosa quanto sua chegada. Sem encontrar explicações, Zélio é levado a uma reunião da Federação Espírita de Niterói, onde, conforme relato:

[...] manifestaram-se espíritos, que se diziam de pretos escravos e de índios ou caboclos, em diversos médiuns. Esses espíritos foram convidados a se retirar pelo presidente dos trabalhos, advertidos do seu atraso espiritual. Então o jovem Zélio foi

dominado por uma força estranha, que fez com que ele falasse sem saber o que dizia. Zélio ouvia apenas a sua própria voz perguntar o motivo que levava os dirigentes dos trabalhos a não aceitarem a comunicação desses espíritos e por que eram considerados atrasados, se apenas pela diferença de cor ou de classe social que revelaram ter tido na sua última encarnação<sup>1</sup>.

Na tentativa de afastar e repreender o espírito desconhecido, os dirigentes da Federação Espírita receberam a seguinte mensagem, transmitida por Zélio:

Se julgam atrasados esses espíritos dos pretos e dos índios, devo dizer que amanhã estarei em casa deste aparelho para dar início a um culto em que esses pretos e esses índios poderão dar a sua mensagem e, assim, cumprir a missão que o plano espiritual lhes confiou. [...] E, se querem saber o meu nome, que seja este: Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque não haverá caminhos fechados para mim<sup>2</sup>.

Como prometido, às vinte horas do dia seguinte, na residência dos Moraes, em Neves, diante de diversas pessoas – entre familiares de Zélio e muitos desconhecidos –, o Caboclo das Sete Encruzilhadas se manifestou novamente. Declarou o início de um novo culto, no qual os espíritos de velhos africanos – que desencarnaram como escravos – e de índios nativos poderiam trabalhar para benefício de seus irmãos, seja qual for o credo ou condição social. Deu as diretrizes desse novo culto e o nomeou. Conforme relatado por um dos presentes, o Caboclo teria dito que se chamaria *aumbanda*, palavra que em sânscrito pode ser interpretada como “Deus ao nosso lado”. Nesse mesmo dia, em 15 de novembro de 1908, foi celebrado o primeiro culto da nova religião, quando também manifestou-se outra entidade espiritual, o preto velho Pai Antônio. Ao longo dos anos foram-se agregando novos ensinamentos, formas de organização e elementos espirituais, modelando os espaços religiosos<sup>3</sup>. Conforme aponta Reginaldo Prandi, “já no seu primeiro momento, a umbanda não é simplificação do candomblé, mera “limpeza”. Nem apenas a ritualização do kardecismo com elementos dos candomblés. É uma enorme transformação”<sup>4</sup>.

A recusa do kardecismo em aceitar tais elementos parte da premissa que “os espíritos de maior luz, mais evoluídos, eram os dos mortos que, em vida, foram virtuosos, ilustres,

---

<sup>1</sup> GIUMBELLI, 2002, p. 184.

<sup>2</sup> Ibid.

<sup>3</sup> Ibid, p. 185-186.

<sup>4</sup> PRANDI, 1990, p. 56.

competentes: os que teriam melhores condições, portanto, de intervir neste mundo para a prática da cura e da doutrinação caridosa”<sup>5</sup>. Essa linha de pensamento fez com que as práticas umbandistas fossem denominadas como “baixo espiritismo” até sua desvinculação do kardecismo, em meados de 1920, com a fundação do primeiro centro de umbanda – até então, as práticas ocorriam “as escondidas” dentro dos círculos kardecistas. Entretanto, mesmo com a consolidação da Umbanda como religião, o termo continuou a ser empregado para definir os umbandistas até a década de 1950.<sup>6</sup>

Em 1930, surge em São Paulo o primeiro centro umbandista, denominado Centro Espírita Antonio Conselheiro. Até 1952, não há registro da existência de centros que utilizem “Umbanda” em seu título<sup>7</sup>. A vinculação com o kardecismo permanecia, ainda que na nomenclatura dos terreiros. Essa prática refletia as dificuldades encontradas pelos umbandistas para prática religiosa, em virtude da perseguição dos órgãos repressivos do Estado, baseados na questão moral e racial, principalmente após o início da era Vargas e sua política de modernização social.<sup>8</sup>

Com a redemocratização, em 1945, o Estado passa a proteger as instituições umbandistas com viés político. Na década de 1950, a perseguição policial é substituída pela ação da Igreja Católica. A CNBB, através da liderança do frei Boaventura Kloppenburg, passa a promover campanha contra a umbanda, que demonstrava crescimento desde 1940<sup>9</sup>. A campanha da Igreja e o crescimento dos praticantes da umbanda, pode ser entendida através da chave do sincretismo com elementos católicos, uma vez que os orixás afro-brasileiros são representados por santos católicos, aproximando a umbanda dos praticantes do catolicismo.

Após o Concílio Vaticano II, a Igreja adotou uma postura mais liberal para com outras religiões e, posteriormente, com a atuação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) – estas atuando nas comunidades pobres e tecendo relações com os sindicatos operários –, a umbanda passa a gozar de prestígio frente a Igreja<sup>10</sup>.

A partir da década de 1980, os umbandistas passaram a sofrer ataques dos

---

<sup>5</sup> Ibid, p. 54-60.

<sup>6</sup> NEGRÃO, 1996, p. 78; PRANDI, 1990, p. 54.

<sup>7</sup> PRANDI, 1990, p. 56.

<sup>8</sup> NEGRÃO, 1996, p. 78; PRANDI, 1990, p. 54.

<sup>9</sup> NEGRÃO, 1996, p. 76

<sup>10</sup> PRANDI, 1990, p. 59.

neopentecostais, grupo religioso em plena ascensão. Estes se baseiam na desqualificação da umbanda como praticantes de rituais demoníacos, comumente chamadas de “macumba”. Tal termo é reciclagem do já utilizado pelo Estado e pela Igreja para definir os umbandistas. Conforme aponta Lísias Negrão, macumba é um

Termo genérico para todas as religiões brasileiras de origem negra, ou então de nominativo de uma delas em especial, a de origem banto, desenvolvida no sudeste do país, especialmente em São Paulo e Rio de Janeiro a partir de fins do século XIX, passa a ser vista depreciativamente como sinônimo de superstição de negro, como magia negra que se despreza e se teme a um só tempo<sup>11</sup>.

No século XXI, com a chegada dos neopentecostais aos veículos de comunicação em massa, sobretudo a televisão, os ataques se intensificaram. A promoção da violência contra símbolos de religiões de matriz africana, em programas religiosos, chegou ao cotidiano dos terreiros. Os umbandistas passaram a sofrer com ataques e ameaças de morte partidas de grupos armados, que se denominam cristãos.

A secular história da umbanda é permeada pelo preconceito por parte de instituições estatais e religiosas. A resistência nas práticas partem da aproximação com elementos populares, marginalizados da sociedade, que enxergaram ali um espaço de aceitação e autonomia. “O panteão umbandista procede a uma inversão simbólica na qual os segmentos mais pobres e oprimidos são alçados à condição de deuses”.<sup>12</sup>

## **ROTEIRO DE PERGUNTAS**

Foram elaboradas algumas questões para a entrevista com os sacerdotes do Instituto CEU Estrela Guia. Elas foram respondidas e, em cada resposta, os entrevistados acrescentaram elementos importantes para a compreensão do tema abordado. A pauta da entrevista foi a seguinte:

*Pergunta 1:* Gostaria que vocês se apresentassem e contassem a trajetória de vocês até o

---

<sup>11</sup> NEGRÃO, 1996, p. 79.

<sup>12</sup> Ibid, p. 87.

ingresso da umbanda.

*Pergunta 2:* Como vocês se conheceram?

*Pergunta 3:* Como vocês ingressaram na Umbanda?

*Pergunta 4:* Como surgiu o Instituto CEU Estrela Guia?

*Pergunta 5:* Quais são os trabalhos realizados pelo CEU?

*Pergunta 6:* Vocês estão utilizando crucifixos. Quais as relações sincréticas na Umbanda?

*Pergunta 7:* Como vocês lidam com a questão do preconceito contra religiões afro-brasileiras? Vocês já presenciaram ou sofreram algum tipo de preconceito?

*Pergunta 8:* Agradeço por terem aberto as portas dessa casa e a disponibilidade para realizarem a entrevista. Fiquem à vontade para fazerem suas considerações finais.

## **TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA**

Concluída a entrevista com os sacerdotes Pai Denisson e Mãe Kelly de Angelis, identifiquei e transcrevi algumas falas que são o núcleo do presente trabalho. A partir delas, podemos compreender melhor a relação da umbanda com o sincretismo e o preconceito.

*A umbanda ela é sincrética, o que que significa isso? Ela tem a concepção ameríndia, européia, fazendo com que essas manifestações sejam canalizadas simbolicamente através de entidades espirituais... porque a umbanda é a manifestação do espírito para a prática da caridade... aonde no plano espiritual eles se congregam, da mesma forma que nós estamos aqui, com um intuito, com um objetivo, tendo esse sincretismo trazendo forças da natureza através de divindades que são denominadas orixás. Esse sincretismo tem uma simbologia. Então nós, por exemplo, temos no início da umbanda, fundada por Pai Zélio Fernandino de Moraes, no dia 15 de novembro de 1908, em Cachoeira de Macacu, Rio de Janeiro, ele trouxe através do espírito Caboclo das Sete Encruzilhadas... que doutroa, na encarnação anterior foi padre, um padre jesuíta chamado Gabriel de Malagrida... em que ele trouxe esse conhecimento da Igreja Católica, porém, de uma forma, numa linguagem, em que todos poderiam ter acesso e a compreensão. Então veja, muitas vezes as pessoas chegam num centro de umbanda, num terreiro, num solo sagrado de umbanda e vê toda*

*esta miscelânea né?! Vê um, vê um santo católico sincretizado num orixá africano, este sincretismo é justamente esta simbologia, pra que nós numa sociedade cristã... vivemos num país cristão, em maioria... tenha esse entendimento de uma forma simbólica.*

*Bom, aqui nós temos duas guias de preto velho. Preto velho é uma entidade... espiritual, que se manifesta como um ancião, que se manifesta como... de forma simples, de forma singela e sobretudo humilde, representando na grande maioria das vezes os escravos que sofreram os açoites no mundo afora. A gente não fala só de escravidão nível de Brasil, porque se nós formos levar em consideração, há praticamente escravidão em todo planeta em dados momentos. Estas entidades espirituais, elas recorrem a elementos, que nos trás simbologias. No caso do crucifixo, nós temos, na cruz o símbolo máximo da fé, por conseguinte, Jesus. O preto velho ele faz uso desta simbologia pra que nós sempre tenhamos a nossa fé. (Pai Dênisson Tulli de Angelis sobre o sincretismo)*

*E como eu estou usando também, o rosário, que é representado pela entidade que trabalha junto a mim, né?! Que é a vó Maria do Rosário. Então, toda essas... vamos dizer, tanto o terço como o rosário, eles estão simbolizando dentro da umbanda os pretos velhos e também tem uma outra entidade que são os mestres de juremeiros que usam também, ou rosário ou o terço como uma guia... por isso que eu perguntei “a guia?” porque a gente entende que é uma guia, é consagrada, ela fica... O que é a consagração? É uma magia, uma manifestação, pra que no momento que a gente precise, nos momentos de trabalho, elas, essas guias funcionem como uma proteção e uma conexão com esta entidade. (Mãe Kelly de Angelis sobre o sincretismo)*

*São diversas histórias tristes (Mãe Kelly: infelizmente) infelizmente nós vivemos num país aonde nós temos, é... triste até de falar né?! Tem que respirar fundo. Nós temos uma opressão muito*

grande, e tanto os umbandistas quanto os candomblecistas, pra uma demasiada número de pessoas, nós somos os culpados dos problemas do mundo e somos demonizados com isso. Somos figuras diabólicas por carregarmos uma guia, um fio de contas, e usarmos uma roupa santa... cultuarmos um orixá, nos ajoelharmos, batermos cabeça, defumarmos, acendemos uma vela, nós somos... amaldiçoados por isso, por conta desta inverdade, por conta deste preconceito arraigado de muito tempo. Particularmente, tanto eu quanto a mãe fazemos parte de diversas comissões, justamente para combater esse tipo de... ofensa, não só para conosco mas para com a umbanda no Brasil de modo geral. Nós dois já temos casos em particular, recentemente eu tava no metrô com uma guia de esquerda, raramente eu uso uma guia de esquerda, geralmente não uso guias no meu cotidiano. Eu tava no metrô e duas senhoras... se diziam cristãs e começaram a me olhar com aquela guia, como se eu tivesse, como se tivesse ali vendo o diabo, e começaram a rezar em voz alta e colocaram a mão assim pra cima de mim né?! E eu percebi que aquilo era uma, uma ofensa direta, eu raramente, eu me exponho, eu nesse dia peguei e coloquei a guia pra fora, falei “bom sou eu ‘memo’, é comigo mesmo né?!” E aí eu comecei a simplesmente olhar pra elas com dó... porque se nós ocupamos a mesma terra, se nós temos a condição de compartilharmos o mesmo planeta, respiramos o mesmo ar, por que nós temos que nos tratarmos com indiferença? E sobretudo usarmos o nome de Deus? Que Deus é esse?! Em que faz uma distinção porque você cultua um orixá? Porque você acende uma vela? Você é amaldiçoadado, você vai sofrer uma represália de um ser onipotente, onipresente, em que, criador, em que ele tem esse poder para derrubar, que Deus é esse?! Que Deus é esse que se vende por causa de um livro?! Que Deus é esse?! Então eu faço aqui um chamado para todo mundo que tá assistindo, para se ter a real análise dos fatos. Nós na umbanda nós não nos baseamos num livro sagrado, porque nós acreditamos que o principal sagrado que nós temos é o nosso corpo que é um grande presente. Nós somos templos vivos, nós não precisamos necessariamente de um lugar para cultuar, porque se



*nós já estamos vivos nós somos... os próprios deuses. Então quando nós vemos uma, alguém sendo atacado, como agora, por exemplo, a reedição de um livro... “orixás, entidades e caboclos, deuses ou demônios?”. Isso é uma tratativa, uma ofensa direta, a todos nós umbandistas, candomblecistas e não precisa e nada disso, óbvio que não precisa de nada disso. Recentemente nós acompanhamos nos últimos dez anos um direito de resposta de uma rede de televisão, em que o pastor, ele usou do meio de comunicação para difundir a raiva, o ódio e a ira, sobre, de novo os umbandistas e os candomblecistas. Isso foi, tramitou na justiça durante 15 anos! 15 anos, mas a justiça, ela tarda mas ela nunca falha. Então, foi dado o direito de resposta aos candomblecistas, aos umbandistas, pra que expusessem de fato e de direito, justo e perfeito, esse direito de nós podermos, isso é amparado pela constituição, de nós... exercermos a nossa fé, cultuarmos a nossa fé com total liberdade religiosa. Então a gente vê em todos os tempos, em todos os momentos, essa tentativa do, de tolher esta liberdade religiosa. Recentemente no Rio de Janeiro tivemos um caso de traficantes (incompreensível) “o bonde de Jesus”, com que direito que cê faz isso?! Em nome de deus?! Repito né, que deus é esse que propaga a guerra?! A guerra ela tá nos homens, tá na ignorância né? Não é pra ser feito dessa forma, pelo menos no meu humilde ponto de vista. Mãe... (Pai Dênisson Tulli de Angelis, sobre preconceito)*

*É realmente triste a gente buscar, né?! Este, esta forma de respeito, porque (incompreensível) palavra hoje dita, intolerância. Não tem que existir intolerância, tem que existir respeito, cada um... trabalha sua fé na forma que quiser, tá livre, somos um país livre. E isso é muito triste, você ver terreiros, no Rio de Janeiro, no interior de São Paulo, sendo destruídos, por pessoas que falam assim “não, isso não é deus”, e destruir é deus? Né?! Então, existe essa falta de respeito entre as pessoas, isso precisa ser colocado de uma forma, aonde a própria sociedade consiga entender, como(incompreensível) cada um tem a opção de exercer sua fé da forma que quiser, é*

*liberdade isso. (Mãe Kelly de Angelis, sobre preconceito)*

## **ANÁLISE DA ENTREVISTA**

São diversos os motivos que influenciam um indivíduo a procurar ajuda espiritual. No caso da umbanda, podemos observar alguns elementos comuns, como no caso de Pai Denisson: “eu queria [...] resolver situações, resolver problemas, resolver desequilíbrio”. Sua fala reflete com o exposto por Lísias Negrão

Quanto aos demais problemas que são levados pela clientela aos guias, aos quais solicitam solução, também revelam carências de ordem econômica (emprego, dinheiro, moradia) ou desajustes profissionais (relacionamento com chefes e colegas) e afetivo familiares (maridos, esposas, amantes, filhos, namorados).<sup>13</sup>

Pai Denisson, em busca dessas respostas, frequentou a umbanda por três anos sem o conhecimento de sua esposa, Mãe Kelly. Nesse meio tempo, ele utilizou do sincretismo para introduzi-la na umbanda. Durante a entrevista, relatou sobre a ida ao templo umbandista que frequentava, onde foi entregue a ele sete velas marrons, por parte de uma entidade – que pertence a linha dos caboclos –, designadas para que Mãe Kelly as acendesse em determinado período de tempo e obtivesse sucesso em um processo seletivo. Para convencê-la a acender as velas, Pai Denisson disse a ela que um padre mandou acendê-las, apelando para a crença católica de sua esposa. Ela relatou sucesso no processo seletivo ao acender a terceira vela, porém ainda desconhecendo que na verdade teria realizado um ritual de umbanda.

É interessante observar a presença de elementos católicos na fala de Pai Denisson, pois também dialoga com o que Lourival Júnior aponta: “as tradições religiosas e espirituais utilizaram o simbolismo para auxiliar na jornada do entendimento e experiência do divino em relação à ‘vida correta’”<sup>14</sup>. Sérgio Ferreti também aborda a utilização de figuras católicas, no Maranhão, onde a candomblecista Casa de Minas mantém a relação entre voduns e santos católicos<sup>15</sup>. Retomando a entrevista com os sacerdotes do Instituto CEU Estrela Guia, esse sincretismo é evidente na presença de rosários católicos para simbolizar a entidade espiritual

---

<sup>13</sup> Ibid, p. 88.

<sup>14</sup> JUNIOR apud, O’CONNEL & AIREY, 2014, p. 225.

<sup>15</sup> FERRETI,, 1998, p.186.

dos pretos velhos, além das diversas imagens católicas presentes no congá<sup>16</sup> para simbolizar os orixás – estes não foram permitidos o registro, por se tratar de um solo sagrado –, refletem que o sincretismo constitui elemento importante para a prática religiosa.

A forma como é empregado, nas diversas vertentes existentes na umbanda é complexa e seria necessário um estudo mais detalhado para entender a lógica por trás de cada relação sincrética. Porém, podemos ter uma visão de como funciona o processo através de quadros comparativos que ilustram a relação entre santos católicos e Orixás umbandistas<sup>17</sup>. Para além da complexidade, o caráter de resistência pode ser observado também em práticas não religiosas, como quilombos e mocambos que se utilizavam desse expediente para poderem atuar próximos a centros urbanos<sup>18</sup>. Conforme aponta João José Reis:

Essa disponibilidade para mesclar culturas era um imperativo de sobrevivência, exercício de sabedoria também refletida na habilidade demonstrada pelos quilombolas de compor alianças sociais, as quais inevitavelmente se traduziam em transformações e interpenetrações culturais. É óbvio que escravos e quilombolas foram forçados a mudar coisas que não mudariam se não submetidos à pressão escravocrata e colonial, mas foi deles a direção de muitas dessas mudanças, pois não permitiram transformar-se naquilo que o senhor desejava. Nisso, aliás, reside a força e a beleza da cultura que escravos e quilombolas legaram à posteridade.<sup>19</sup>

O sincretismo religioso não é somente a imposição de uma religião sobre outra, mas a utilização de elementos e mecanismos já estabelecidos para a manutenção das práticas e agregação de fiéis, que através desses elementos se identificam com aquilo que sempre esteve presente no seu cotidiano. “A capacidade do brasileiro de unir tendências separadas por tradições distintas. Nessa perspectiva podemos dizer que o afro-brasileiro é ao mesmo tempo católico e praticante de outras religiões”.<sup>20</sup> Ainda pode-se citar a incorporação dos povos indígenas à umbanda, através da figura dos caboclos. Além disso, o orixá Oxóssi, considerado o “pai dos caboclos” em algumas vertentes da religião, tem sua ligação ao catolicismo sincretiza-se na figura de São Sebastião, principalmente por ser padroeiro dos caçadores<sup>21</sup>. A

<sup>16</sup> Congá é o local onde são praticados os rituais da umbanda. Ali estão presente diversos elementos, como as imagens dos orixás, pontos riscados e os atabaques.

<sup>17</sup> Podemos citar o trabalho de Waldemar Valente: *Sincretismo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

<sup>18</sup> GOMES apud FERRETI, 1998, p. 191.

<sup>19</sup> REIS, 1996, p. 20.

<sup>20</sup> FERRETI, 1998, p. 193.

<sup>21</sup> JUNIOR apud, O’CONNEL & AIREY, 2014, p. 232.

relação sincrética também é abordada por Pai Denisson durante a entrevista, ao apresentar seu conhecimento sobre a fundação da umbanda. Fala sobre a figura do Caboclo da Sete Encruzilhadas, que segundo relatos – sobretudo em literatura religiosa –, seria a reencarnação de um padre jesuíta chamado Gabriel de Malagrida.

Entende-se que o sincretismo passa a fazer parte da tradicionalidade, uma vez que foi de fundamental importância para a continuidade da prática das religiões afro-brasileiras. Negar o sincretismo é negar a história desses movimentos. Ele é a ampliação da sabedoria trazida da África herdada pelos descendentes. A umbanda, provinda do sincretismo, é africana, europeia e brasileira, mas, ao mesmo tempo, diferente de sua origem.

Como visto no capítulo sobre a história da umbanda, o preconceito é elemento tão presente quanto o sincretismo. Ao questionar os dirigentes do Instituto CEU Estrela Guia também sobre essa questão, Mãe Kelly afirmou que “você vê terreiros, no Rio de Janeiro, no interior de São Paulo, sendo destruídos por pessoas que falam assim... não, isso não é Deus”. Os casos de ataques a terreiros e seguidores de religiões de matriz africana, apontados pela sacerdotisa, não são uma novidade. Conforme relata Vagner Silva, em 1999, uma foto de Gildásia dos Santos e Santos – também conhecida como Mãe Gilda de Ogum –, foi usada em uma edição da Folha Universal<sup>22</sup> com a manchete “Macumbeiros Charlatões Lesam a Bolsa e a Vida dos Clientes – O Mercado da Enganação Cresce no Brasil, mas o PROCON Está de Olho”. Apesar de haver uma tarja preta sobre os olhos de Mãe Gilda na foto usada no jornal, era possível reconhecê-la. Pouco tempo depois da publicação, o terreiro frequentado por Mãe Gilda foi invadido por membros da Igreja Deus é Amor, que afirmavam querer exorcizá-la. Em 21 de Janeiro de 2000, Mãe Gilda faleceu, vítima de um infarto<sup>23</sup>.

De acordo com dados do Governo Federal, foram registradas 965 denúncias de discriminação religiosa no período entre 2011 e 2015, em âmbito nacional<sup>24</sup>. O gráfico com o total das ocorrências mostra os números totais dos casos de intolerância religiosa do período, além de dividi-los em três tipos: processos judiciais, notícias veiculadas na imprensa e

---

<sup>22</sup> Jornal veiculado pela neopentecostal Igreja Universal do Reino de Deus.

<sup>23</sup> SILVA, 2007, p. 222.

<sup>24</sup> Dados publicados no Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa no Brasil (RIVIR), em 2016, pelo Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos e no livro *Estado Laico Intolerância e Diversidade Religiosa no Brasil: Pesquisas, reflexões e debates*, publicado em 2018 pelo Ministério dos Direitos Humanos – Secretaria Nacional de Cidadania.

ocorrências registradas no *Disque 100* e ouvidorias<sup>25</sup>. Ao analisar os números do quadro, é possível verificar que a maioria das vítimas (30%) são seguidores de religiões de matriz africana, seguidos dos evangélicos (20%) e dos católicos (10%). Em quase 20% dos casos, não há informação sobre a religião da vítima.

Chama a atenção no gráfico o grande número de processos abertos por evangélicos – principalmente adventistas –, chegando a 45% dos casos. Esse número destoa da quantidade de notícias veiculadas na imprensa, em que 53% dos casos, a vítima é uma pessoa vinculada a religiões de matriz africana<sup>26</sup>, e menos de 10% são evangélicos. Por fim, os registros de ouvidorias mostram um total de 23% de vítimas de religiões afro e 16% de evangélicos.

Já em sua fala, Pai Denisson afirma “que tanto os umbandistas quanto os candomblecistas [...] nós somos os culpados dos problemas do mundo e somos demonizados [...] nós somos... amaldiçoados por isso, por conta desta inverdade, por conta deste preconceito arraigado de muito tempo”. Com relação ao preconceito dirigido às religiões de matriz africana citado pelo entrevistado, Negrão afirma que “os estigmas sociais contra o negro e sua religião e as renovadas acusações mais do que seculares de que foram vítimas culminaram com a atitude ao mesmo tempo de hostilidade e de medo que até hoje inspiram”<sup>27</sup>.

Ou seja, o preconceito ao que se refere Pai Denisson, realmente é muito antigo, e conta também com um forte caráter racista. Por isso, faz-se necessário ressaltar que os sacerdotes do Instituto CEU Estrela Guia são brancos. Sendo assim, não é possível analisar a sua vivência de preconceito religioso relacionada com o racismo, tão presente nas questões que envolvem religiões de matriz africana.

Na sequência, o entrevistado relatou uma situação sofrida por ele no metrô paulistano, quando duas senhoras – apontadas como cristãs – passaram a rezar com as mãos em sua direção ao verem que ele portava uma guia de umbanda. Após o relato, ele questiona “que Deus é esse?! Em que faz uma distinção porque você cultua um orixá? Porque você acende

---

<sup>25</sup> Ver gráfico no Anexo 1.

<sup>26</sup> No caso das notícias, cabe fazer um destaque para o caso da menina Kaylane, que em 14 de junho de 2015, foi atingida por uma pedrada, no bairro Vila da Penha, na cidade do Rio de Janeiro, após sair de um culto de candomblé. O caso gerou grande repercussão na imprensa, fazendo com que 10% das notícias do período incluído na pesquisa refiram-se ao seu caso.

<sup>27</sup> NEGRÃO, 1996, p. 79.

uma vela? Você é amaldiçoado, você vai sofrer uma represália de um ser onipotente, onipresente, em que, criador, em que ele tem esse poder para derrubar, que Deus é esse?!”. Trazendo uma abordagem historiográfica para analisar a fala de Pai Denisson, é possível verificar que houve uma intensificação de ocorrências como essa – e até piores, com agressões físicas e ataques a locais de culto – a partir dos anos 1980, influência do crescimento das igrejas evangélicas neopentecostais e à forma como essas igrejas lidam com religiões afro-brasileiras. Para isso, é necessário resgatar a origem dessas igrejas e o que as levou a tomar esse caminho. De acordo com Silva, "a visão das igrejas neopentecostais sobre as religiões afro-brasileiras é consequência do desenvolvimento do sistema teológico e doutrinário do pentecostalismo, surgido no Brasil no início do século XX, sobretudo a partir das décadas de 1950 e 1960"<sup>28</sup>. Complementando essa informação, é importante destacar que o pentecostalismo se desenvolveu em três etapas no Brasil.

A primeira onda pode ser exemplificada pela trajetória institucional da igreja Assembleia de Deus, uma segunda onda pentecostal pode ser observada pela historicidade das igrejas Congregação Cristã, Quadrangular, Brasil para Cristo e Deus é Amor, assim como a terceira onda exemplifica-se pela trajetória da Igreja Universal do Reino de Deus e da Igreja da Graça de Deus<sup>29</sup>.

Na terceira etapa, iniciada nos anos 1970 e que evoluiu com muita força nas duas décadas seguintes, surge o neopentecostalismo. Nesse período, essas igrejas se destacam pelas seguintes características:

Abandono (ou abrandamento) do ascetismo, valorização do pragmatismo, utilização de gestão empresarial na condução dos templos, ênfase na teologia da prosperidade, utilização da mídia para o trabalho de proselitismo em massa e de propaganda religiosa (por isso chamadas de “igrejas eletrônicas”) e centralidade da teologia da batalha espiritual contra as outras denominações religiosas, sobretudo as afro-brasileiras e o espiritismo<sup>30</sup>.

Mas por que as igrejas neopentecostais elegeram as religiões afro-brasileiras como alvo, ao invés do catolicismo? Para Silva (2007, pág. 208), “O episódio do ‘chute na santa’ e suas repercussões negativas são um bom exemplo da dificuldade do enfrentamento aberto”<sup>31</sup>,

---

<sup>28</sup> SILVA, 2007, p. 207.

<sup>29</sup> BORTOLETO, 2014, p. 32.

<sup>30</sup> SILVA, 2007, p. 208

<sup>31</sup> Ibid; Para mais detalhes sobre o episódio do “chute na santa”, ver MARIANO, Ricardo. Neopentecostais:

ou seja, enfrentar a maior religião do país poderia ter um efeito contrário ao pretendido, causando a perda de fiéis ou até mesmo um confronto de maiores proporções. No entanto, isso ainda não explica o motivo pelo qual as religiões de matriz africana, praticadas por apenas 0,3% da população brasileira, foram eleitas como alvo dos ataques neopentecostais. Nem mesmo se somarmos os praticantes do espiritismo – uma vez que a relação com o kardecismo perdura até os dias atuais, onde praticantes da umbanda se declaram espíritas –, os números se justificariam, uma vez que estes somam apenas 2% da população brasileira<sup>32</sup>. Uma teoria busca compreender a lógica por trás dos ataques, afirma que

O ataque às religiões afro-brasileiras, mais do que uma estratégia de proselitismo junto às populações de baixo nível socioeconômico, potencialmente consumidoras dos repertórios religiosos afro-brasileiros e neopentecostais, é consequência do papel que as mediações mágicas e a experiência do transe religioso ocupam na própria dinâmica do sistema neopentecostal em contato com o repertório afro-brasileiro<sup>33</sup>

A partir dessa abordagem, a “tática” de enfrentamento a essas religiões seria “menos uma estratégia proselitista voltada para retirar fiéis deste segmento [...] e mais uma forma de atrair fiéis ávidos pela experiência de religiões com forte apelo mágico, extáticas, com a vantagem da legitimidade social conquistada pelo campo religioso cristão”<sup>34</sup>. Com isso, é possível concluir que a curiosidade pelo misticismo e pela magia existem, porém, o medo do preconceito dirigido às religiões de matriz africana, reforçado pelas igrejas neopentecostais, afasta as pessoas. Percebendo isso, estas igrejas buscaram utilizar os preceitos da umbanda, do candomblé e até mesmo do espiritismo, para demonizá-las, oferecendo-se como a única alternativa possível.

## MÉTODO DE PESQUISA

De acordo com Verena Alberti, a história oral não é em si uma disciplina, tão pouco pertence a uma exclusiva. É um método de pesquisa interdisciplinar “que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de aproximar o objeto de

---

sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

<sup>32</sup> Segundo os dados do Censo 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>

<sup>33</sup> SILVA, 2007, p. 208.

<sup>34</sup> Ibid.

estudos”<sup>35</sup>.

Desta forma, a entrevista com os sacerdotes do Instituto CEU Estrela Guia ganha o status de documento, sendo necessário o tratamento da fonte, dos procedimentos técnicos de gravação e da entrevista, para a consulta de outros pesquisadores. Entendendo também que a história oral não está de acordo com a história positivista, enquanto ajusta com o passado como efetivamente ocorreu, o documento passa a estar deslocado e deve ser compreendido da forma como esse passado foi interpretado e apreendido. O documento de história oral é uma versão do passado.

Alberti aponta também para a escolha do tipo de entrevista, sendo ela temática ou a história de vida. O presente trabalho está guiado na chave da entrevista temática, com um recorte de tema específico em torno do sincretismo e do preconceito. Sendo a entrevista temática: “adequada para o caso de temas que têm estatuto relativamente definido na trajetória de vida dos depoentes, como, por exemplo, um período determinado cronologicamente, uma função desempenhada ou o envolvimento e a experiência em acontecimentos ou conjunturas específicos”<sup>36</sup>.

Levando em consideração o tema a ser abordado e com base na bibliografia, a preparação do roteiro geral, que orientou as atividades subsequentes buscando atingir os objetivos do projeto. Um roteiro “amplo e abrangente, que contém todos os tópicos a serem considerados em cada entrevistas, garantindo a relativa unidade do acervo produzido”<sup>37</sup>. Pelo curto tempo para a execução do presente projeto, a pesquisa foi feita em cima do roteiro geral. Segundo Alberti, a entrevista com o roteiro geral deve ser seguida pela entrevista individual.

---

<sup>35</sup> ALBERTI, 2006, p. 18.

<sup>36</sup> Ibid, p. 38.

<sup>37</sup> Ibid, p. 84.



## BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In.: PINSKY, Carla; BACELLAR, Carlos. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006.

BORTOLETO, Milton. *Não viemos para fazer aliança: faces do conflito entre adeptos das religiões pentecostais e afro-brasileiras*. 2014. 119 f. Tese (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos - Secretaria Nacional de Cidadania. *Estado Laico, Intolerância e Diversidade Religiosa no Brasil: Pesquisas, reflexões e debates*. Brasília, 2018. 164 p.

FERRETTI, Sérgio E.. Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 182-198, Jun 1998.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo 2010. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques> Acesso em: 01 de novembro de 2019.

GIUMBELLI, Emerson. *Zélio de Moraes e as origens da umbanda no Rio de Janeiro*. In: SILVA, Vagner Gonçalves da et al (Org.). Caminhos da alma: Memória afro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2002. p. 183-218.

GOMES, F. dos S. O “campo negro” de Igaraçu: escravos camponeses e mocambos no Rio de Janeiro (1812-1883). *Cadernos Cândido Mendes: Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 43-72, 1993.

JUNIOR, Lourival Andrade. Os caboclos nas religiões afro-brasileiras: hibridação e permanência: In: *Mneme Revista de humanidades: Dossiê de religiões afro-brasileiras*. Vol. 15, n. 34.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Magia e Religião na Umbanda. *Revista Usp*, São Paulo, v. 31, n. 31, p.76-89, Set.-Nov. 1996.

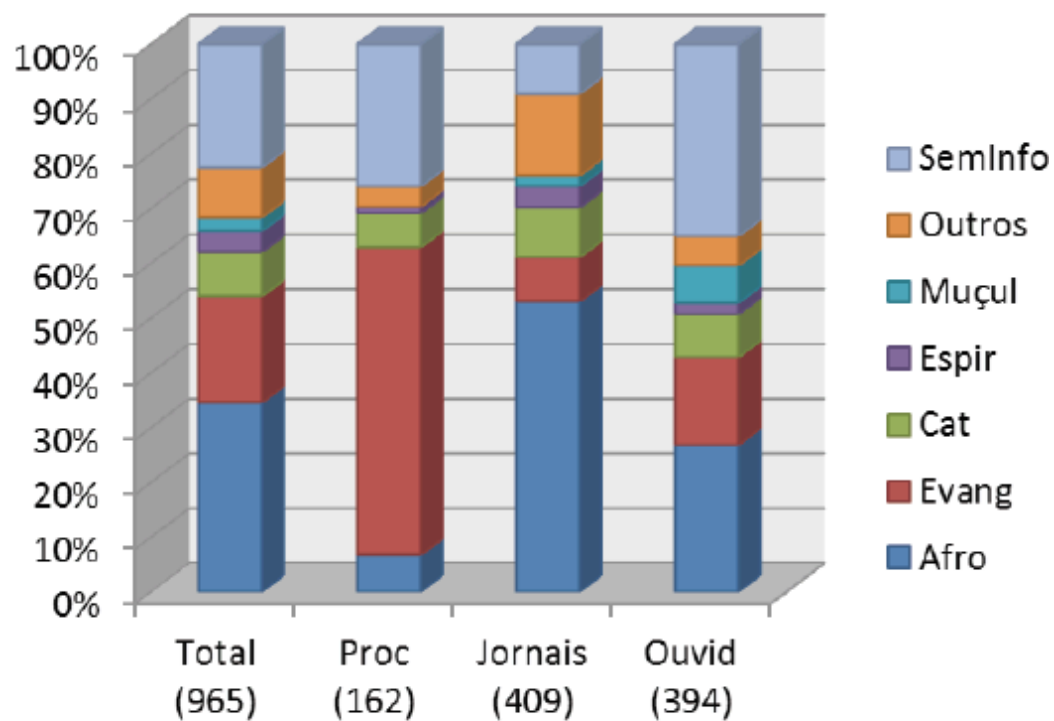
PRANDI, Reginaldo. MODERNIDADE COM FEITIÇARIA: CANDOMBLÉ E UMBANDA NO BRASIL DO SÉCULO XX. *Tempo soc.*, São Paulo , v. 2, n. 1, p. 49-74, Jun 1990.

REIS, J. J. Quilombos e revoltas escravas no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 28, p. 14-39, 1996.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras*: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. *Mana*, v. 13, n. 1, p. 207-236, 2007.

## ANEXO 1

**Religião das vítimas – Total e por fonte**



*Fonte: RIVIR, SDH, 2016*